

No. 152
NOV-DEZ
ANO 21/2011

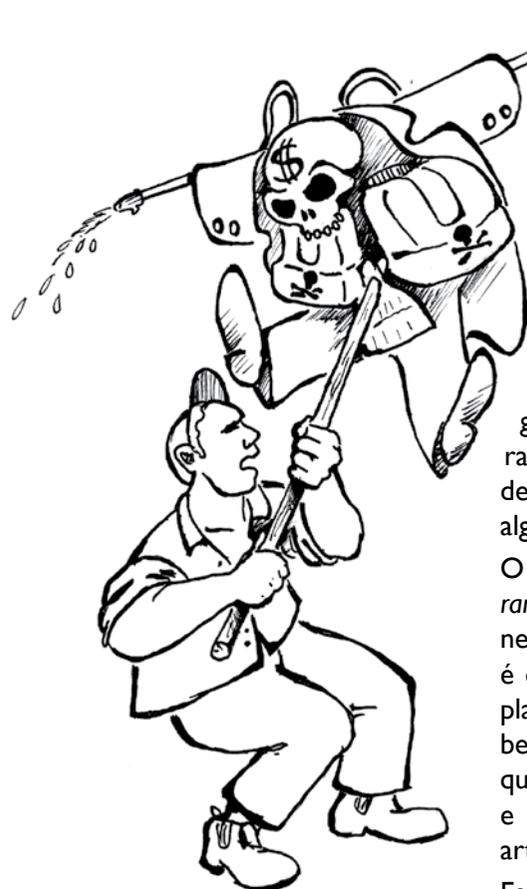
farj@riseup.net
http://www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



LIBERAR

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

VENENO NO PRATO DO POVO



nossos filhos. Atualmente, o volume total de agrotóxicos utilizado nas lavouras e lançado no ambiente corresponderia a cerca de 5 kg por habitante/ano! Os mais afetados pelo envenenamento são os setores mais precários da sociedade, por que sob o regime do “livre” mercado capitalista, os alimentos orgânicos (sem agrotóxicos) se tornaram, em sua maioria, uma mercadoria de luxo, acessível apenas aos ricos e a alguns setores da classe média.

O estado do Paraná lidera este nefasto ranking no país e, em território fluminense, o município de Nova Friburgo é o “campeão”. Isso sem mencionar o plantio e o consumo de transgênicos, liberados justamente durante o governo que se autointitula “dos trabalhadores” e que, certamente, mereceriam outro artigo.

Esse absurdo é o fruto podre do casamento entre governo e as empresas multinacionais que, apenas em 2010, faturaram U\$ \$ 7,2 bilhões de dólares ao proporcionar o uso de mais de um milhão de toneladas de venenos em nossas lavouras. O Brasil vem sendo líder mundial no consumo de agrotóxicos desde 2008, após aproximadamente 50 anos de cerco fechado aos pequenos agricultores de base familiar, que se tornaram reféns da grande bandidagem capitalista.

Bandidagem esta que manipula economicamente órgãos públicos de pesquisa e de extensão, que pouco fizeram para pesquisar e divulgar técnicas e concepções de sistemas agroecológi-

cos de produção, mas muito fizeram com dinheiro público para generalizar o modelo de agricultura dependente da indústria química. Isto deve ser bem entendido por nós quando nos perguntam: mas o próprio agricultor não prefere o veneno? Muitas gerações de agricultores nasceram dentro da era de avanço voraz do capitalismo na agricultura, sendo forçadas por décadas a uma dependência cultural e econômica. Mas o que deve estar claro entre nós trabalhadores é que este cenário não é “natural”, mas foi empurrado goela abaixo, com violência física, econômica e destruição dos hábitos culturais no cultivo da terra e na alimentação, pelos mesmos poderosos que lucram em cima do envenenamento do povo.

E devemos lutar contra esta situação mostrando à população que podemos voltar a nutrir as nossas crianças com alimentos saudáveis, produzidos com menor degradação ambiental possível, pois caso contrário, o amanhã será muito pior que hoje.

Organizemo-nos trabalhadores rurais e da cidade, técnicos agrícolas, estudantes, desempregados, todos os oprimidos! Afinal, apesar do trabalhador rural ser aquele que mais sofre com o envenenamento, todos nós somos, direta ou indiretamente, afetados por essa situação.

Devemos nos organizar na defesa da vida, de uma agricultura ecológica que respeite o trabalhador do campo e da cidade, gerando alimentos saudáveis acessíveis a toda população. Devemos nos organizar na busca de produtos diretamente com o produtor através, por exemplo, de feiras e compras coletivas. Mas nada disso poderá realmente sur-

tir efeito se não atacarmos o capital em seu núcleo duro: a propriedade privada. Se a terra continuar nas mãos dos capitalistas como mercadorias, os alimentos continuarão a ser envenenados. A resistência dos movimentos sociais, neste sentido, pode ser dupla, atacando a esfera econômica do capital (propriedade privada) e fortalecendo a via federalista contra a organização política das classes dominantes (o Estado). Taticamente, é possível pressionar, por meio da luta popular, para que as legislações mudem. Mas jamais podemos perder o horizonte estratégico de criação do poder popular, que envolve o controle da terra pelos trabalhadores. Para isto, é preciso ocupar, resistir e produzir, fortalecendo os movimentos sociais do campo.

Ocupar terras para viver e produzir é um direito e uma necessidade, resolvendo as reais demandas materiais e culturais da população. Por meio da organização pela base e construindo um povo forte, são importantes as iniciativas como cooperativas de produção, organizadas de maneira direta pelos próprios produtores. É preciso uma aliança de classe! Devemos ir às ruas para denunciar este momento em que o capitalismo nos nega até mesmo o direito de nos alimentar com saúde.

Ou criamos força, ombro a ombro nas ruas e nos campos, ou ficaremos cada vez mais reféns das agroindústrias que nos vêm apenas como lucrativos consumidores.

ORGANIZAR! LUTAR!
JAMAIS SE ENTREGAR!
PELO PODER POPULAR!

Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida
www.contraosagrototoxicos.org

NAS BOCAS...

“O agricultor, quando não é roubado pelo proprietário da terra, é roubado pelo Estado.”

Kropotkin

Os Comitês de Defesa da CNT em Barcelona (1933-1938)

Dos quadros de defesa aos comitês revolucionários de bairro, as patrulhas de controle e as milícias populares

Augustín Guillamón, Editorial Aldarull, 254p., 2011

Resenha de Carles Sanz

Tradução e adaptação de Rudesindo

Publicado originalmente no jornal Solidaridad Obrera #346, de 26/10/2011

Há muitos anos Agustín Guillamón vem investigando e publicando textos sobre as diferentes maneiras de se entender a revolução por parte da *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT)¹, bem como as divisões ideológicas que isso produziu². Uma das peças fundamentais dessa linha de pesquisa aberta pelo autor são os **comitês de defesa** e os **comitês revolucionários de bairro**³. Esses precedentes constituem elementos suficientes para que o autor possa ter crédito e autoridade na hora de analisar e processar a revolução espanhola que, recordemos, foi a mais importante levada a cabo pela classe trabalhadora.

A primeira coisa que podemos perguntar ao autor é o que são os **comitês de defesa** e para que servem? Talvez devêssemos retornar primeiro aos **grupos de ação**, que poderiam ser considerados como os seus antecessores e que surgiram a partir dos **grupos de autodefesa sindical**, formados durante o período do *pistolismo* (1919-1923)⁴. Cada sindicato tinha o seu grupo, na tentativa de se defender da violência política da burguesia e do estado. A origem, o desenvolvimento e a violência perpetrada por esses grupos se deveram, unicamente, à reação dos trabalhadores perante o terrorismo do Estado e do Capital.

Já nos anos 1930, esses passam a se denominar **grupos de defesa** que, na realidade, formavam uma milícia secreta da CNT. A situação em que se vivia naqueles anos, à beira de um golpe de estado, fez a CNT ver a necessidade de preparar-se no que se refere ao treinamento, aquisição de armamento e, sobretudo, informação. No princípio os grupos eram dependentes da CNT, que era quem os financiava e, como bem aponta o autor, também havia espaço para os grupos de afinidade da *Federación Anarquista Ibérica* (FAI), das *Juventudes Libertárias* (JJ.LL) e dos ateneus.

Deve-se destacar a importância dos dados e documentos reunidos no livro para introduzir o papel dos grupos anarquistas neste tema, até então mal interpretado por muitos historiadores. Guillamón nos mostra a importante

atuação que esses grupos desempenharam tanto na estrutura, como na orientação que os **grupos de defesa** seguiram. Destaca-se o capítulo dedicado à proposta que os grupos anarquistas fizeram em janeiro de 1935 da formação de um **comitê de preparação revolucionária**.

A “história oficial” normalmente trata de confundir e distorcer a evolução dos grupos anarquistas, tratando-os unicamente como terroristas, quando foram estes quase os únicos que se prepararam para a onda fascista que se abateu sobre a Espanha. Agustín, com grande clareza e conhecimento, tenta neste livro esclarecer as diferenças entre **quadros de defesa, grupos de afinidade e grupos de ação**. Destes últimos, já indicamos anteriormente sua origem. Com relação aos **grupos de afinidade**, que até julho de 1937 constituíram a estrutura organizativa da FAI, foram estes que salvaram a CNT da aniquilação em alguns momentos. Estes grupos, com 4 a 20 membros cada um, caracterizados por sua transitoriedade, independência econômica, descentralização, autonomia e federalismo, tiveram, como indica o autor, um papel muito importante, podemos dizer vital, na derrota do fascismo no 19 de julho de 1936.

O simplismo historiográfico mal-intencionado de acusar os FAIstas⁵ de imediatismo, além do típico enfrentamento com os *treintistas*⁶ com sua ideia de preparação/planificação e fortalecimento dos **comitês de defesa**, não se encaixa em nada com “o detalhismo e a precisão com que se constituíram esses comitês de defesa” por parte dos grupos anarquistas. Com relação à “espontaneidade” da atuação da CNT e dos anarquistas na hora de derrotar os militares fascistas, tema que tem suscitado intensos debates entre os historiadores, Guillamón deixa claro em seu livro que essa “espontaneidade”, ou melhor, a rápida e efetiva resposta dos trabalhadores, foi coordenada e guiada pelos próprios **comitês de defesa da CNT**.

Esta mesma resposta foi dada em maio de 1937, quando os anarquistas catalães



se rebelaram contra o estalinismo contrarrevolucionário⁷.

Os **grupos de defesa** que se formaram pouco tempo depois de proclamar-se a República, se organizaram em Barcelona nos anos 1930 através dos “**comitês de defesa de bairro**”. Estes grupos, constituídos normalmente por 6 membros, eram a célula básica da estrutura militar clandestina da CNT e, segundo Guillamón, estavam preparados para que “no momento de uma insurreição mobilizassem grupos secundários mais numerosos e estes, por sua vez, a todo o povo”. E assim ocorreu.

Sua organização de baixo para cima era federativa, ou seja, o **comitê de de-**

fesa de cada bairro se coordenava com o **comitê de distrito** (no caso, da cidade de Barcelona), estes com um **comitê local**,

logo com um **comitê regional** e, finalmente, com o **comitê nacional de defesa**. Em julho de 1936, a CNT “dispunha de cerca de 20.000 militantes organizados em comitês de defesa de bairro, dos quais 1.000 estavam armados”. O conhecido grupo anarquista *Nosotros* se constituiu, no dia 19 de julho, em um comitê de defesa para coordenar a insurreição em Barcelona contra os militares.

Esses grupos de defesa foram a coluna sobre a qual se assentou a vitória contra os fascistas. O autor, depois de nos descrever as manobras dos militares facciosos e de como atuaram contra eles os anarquistas, junto com a Guarda Civil, nessas históricas horas

de julho de 1936, explica, de forma magistral, como os **comitês de defesa de bairro** se converteram em **comitês revolucionários de bairro**, impondo naturalmente uma “nova ordem revolucionária” e coordenando-se com os comitês revolucionários superiores. Essa nova situação criou uma automatização do poder, mas as bases CeNeTistas e FAIstas rapidamente foram capazes de organizar a revolução em uma cidade tão grande e complexa como Barcelona.

Sob este ponto de vista, os historiadores se arvoram em dizer que se criou um caos organizativo devido ao vazio de poder, e o único argumento é aquele da violência com as **patrulhas de controle**. Agustín nos demonstra no livro que, à parte a violência natural de um processo revolucionário, os comitês de bairro se encarregaram de organizar hospitais, restaurantes populares, uma rede de **comitês de abastecimento** e, também, a defesa militar de cada zona. Pode-se dizer que “os comitês superiores da CNT ficaram impressionados com as iniciativas revolucionárias dos comitês de base”. Inclusive as barricadas que se levantaram por toda a cidade, no dia 19 de julho, e que permaneceram federadas e ativas até o mês de outubro, se coordenaram com um comitê central de modo a varrer os contrarrevolucionários da cidade.

Sobre o controle operário e as **patrulhas de controle**, que por certo dependiam do recém-criado *Comitê Central de Milícias Antifascistas* (CCMA), Guillamón deixa claro que metade dos 700 efetivos pertencia à CNT-FAI e a outra metade, ao *Partido Obrero de Unificación Marxista* (POUM), *Esquerra Republicana de Catalunya* (ERC)⁸ e o recém-criado *Partido Socialista Unificado*

de *Cataluña* (PSUC)⁹. De fato, a divisão dos delegados de seção era de 4 da CNT, 3 do PSUC e 3 da ERC. Portanto, na hora de jogar “merda” nas ações da patrulhas de controle que podem ser consideradas reprováveis, há que se começar a dividir as responsabilidades.

As colaborações dos comitês superiores da CNT com o governo da *Generalitat* e do Estado central produziu uma fratura nas bases, que levaria mais tarde à perda das conquistas revolucionárias de julho de 1936. No final de 1936, a CNT debatia qual seria o papel dos comitês de defesa. Estes, que não haviam assumido nenhum poder efetivo, já que dependiam organicamente da *Federação Local de Sindicatos*, foram esvaziados de conteúdo por causa da opção governamentalista da CNT. Os comitês de bairro e de abastecimento, inclusive, se diluíram em novos organismos.

Esta é, no juízo de Agustín Guillamón, uma das causas mais importantes da perda da guerra e da revolução. Os dirigentes da CNT acreditavam que os comitês de defesa eram somente uma representação armada, sem levar em consideração o papel importante que estes tinham em outros assuntos, submetendo-os, assim, ao controle estrito da *Federação Local*. Nesse sentido, o livro nos permite refletir, devido à quantidade de informações que oferece

o autor, sobre a visão sindical contrária aos progressos revolucionários. Não houve mentalidade aberta por parte desses comitês superiores para descentralizar os processos revolucionários, sobretudo na cidade de Barcelona, e poder aplicar estratégias efetivas nos bairros, como já tinha sido praticado em épocas anteriores.

Apesar da vigência de uma guerra contra o fascismo, a estratégia sindicalista se impôs sobre os **grupos de defesa** e os **comitês revolucionários de bairro**. Sua decisão: submissão aos sindicatos. É de grande importância a *Plenária Local de Grupos Anarquistas de Barcelona*, celebrada no dia 12 de abril de 1937, com participação dos **grupos de defesa confederais**, dos **comitês revolucionários de bairro** e das *Juventudes Libertárias*, a qual o autor dedica um capítulo. Nesse evento se decidem o rechaço ao colaboracionismo, a retirada do governo e a formação de um comitê revolucionário ao nível do estado espanhol. Poucos dias depois, eclodiram em Barcelona os episódios de maio de 1937, ou seja, a insurreição revolucionária e livre dos grupos de afinidade anarquistas, deixando à margem do processo os FAIstas e CeNeTistas politizados. Todos sabemos como terminou essa insurreição.

O autor analisa com grande lucidez as

graves diferenças de critério na hora de por em prática a tão ansiada revolução e como os enfrentamentos das bases perante as tendências governamentais e de colaboracionismo de seus dirigentes acelerou a derrota.

Não sabemos como teria evoluído a revolução no sentido contrário, ou seja, como proclamavam as **bases**. Entretanto, está claro que a mentalidade burocrático-sindicalista foi, pouco a pouco, minando os sonhos revolucionários. Agustín neste estudo põe o dedo na ferida ao buscar nos fazer compreender que uma sociedade coesa e estruturada através dos **comitês de bairro**, sob o guarda-chuva dos **comitês de defesa**, teria dado uma nova dimensão à sociedade libertária que se procurava construir. Vale a pena ler o livro para debater e refletir sobre aqueles acontecimentos que podem, não somente nos ajudar a entender aquele processo, como transportar algumas daquelas experiências até os nossos dias.

Notas:

1. Grande central sindical anarcossindicalista fundada em 1910 (nota do tradutor - NT)
2. São chaves os artigos já publicados nos últimos anos pelo autor na revista *Balance*, de Barcelona.
3. Um primeiro trabalho sobre esse tema foi publicado no número extraordinário de *Solidaridad*

Obrera (janeiro de 2010) dedicado ao centenário da CNT (www.soliobrera.org/pdefs/esp.pdf).

4. Talvez o mais famoso grupo de autodefesa tenha sido *Los Solidarios*, composto por Buenaventura Durruti, García Oliver, Francisco Ascaso e Ricardo Sanz, que praticavam assaltos a bancos com fins revolucionários e, em 1923, justicaram o Arcebispo de Zaragoza, Cardeal Juan Soldevila, um dos principais financiadores dos grupos de *pistoleros blancos* que, a soldo dos patrões, matavam os militantes operários mais destacados (NT).

5. Membros da *Federação Anarquista Ibérica* (FAI)

6. O *Treintismo* foi uma corrente ideológica moderada dentro da CNT que propunha uma fase de preparação antes da Revolução Social. Recebeu seu nome do *Manifiesto de los Treinta*, lançado em agosto de 1931 em Barcelona, e teve como expoentes militantes como Juan Peiró e Angel Pestana, este último um dos fundadores do *Partido Sindicalista*, em 1932 (NT).

7. Ver o livro que o autor publicou em 2007 *Barricadas en Barcelona*, Ediciones Espartaco Internacional.

8. A ERC é um partido nacionalista catalão fundado em 1931, do qual era líder Lluís Companys (1882-1940), presidente da *Generalitat de Catalunya* (governador da província) durante a guerra civil (NT).

9. O PSUC, fundado em 23/07/1936, foi um partido marxista-leninista aderido à *Internacional Comunista* e federado ao *Partido Comunista Español* (PCE). Seus quadros e militantes, juntamente com os nacionalistas e socialistas, tiveram ativa participação nos confrontos com os anarquistas e o POUM entre os dias 3 e 8 de maio de 1937, na Catalunha. Membros do PSUC e policiais prenderam e assassinaram covardemente os anarquistas italianos Camilo Berneri e Francesco Barbieri no dia 5 de maio (NT).

Caos na Saúde Indígena um crime burocrático?

O atendimento estatal à saúde indígena parece que já nasceu moribundo e, a cada instante, uma parte do corpo deixa de funcionar. Tempos atrás, ao perguntar sobre a situação da saúde em uma aldeia, ouvi a seguinte brincadeira: “A saúde tá boa... pra quem tem”. Essa foi para mim uma frase simples e marcante, pois conseguiu resumir para mim de forma irônica: não podemos depender de médico, enfermeiro, dentista, transporte de emergência, assim, o jeito é não ficar doente.

De lá pra cá só tenho visto a crescente omissão do poder público. O jogo de empurra durante o ano de 2011 entre FUNASA (Fundação Nacional da Saúde) e SESAI (Secretaria de Saúde Indígena) só fez com que esta ação moribunda terminasse realmente de definhir.

A FUNASA, durante mais de dez anos, foi usada e abusada por uns tantos esquemas de corrupção como quase todos os setores da saúde do país. O próprio modelo de gestão já dava desde o início toda a abertura para que isto acontecesse, espirrando o dinheiro da saúde indígena nos municípios e no terceiro setor sem o devido controle público. Os protestos das comunidades indígenas foram constantes, mesmo com as seguidas, e muitas vezes fracassadas, investidas de cooptação de lideranças por parte dos envolvidos nos esquemas políticos. Tudo isto fez com que este serviço básico afundasse ainda mais e a relação com as comunidades fosse cada vez mais desgastada. Foram mais de dez anos sem que se tenha visto um programa sequer de nível nacional atendendo às reivindicações das comunidades para a valorização da medicina tradicional indígena, que nem sequer era respeita-

Será que devemos ser otimizadas em relação às decisões dos mesmos governantes que tantas provas nos deram do “amor” que têm pelo povo?

da, ou mesmo para o combate à dependência química, principalmente do álcool. Nem houve qualquer programa a nível nacional para a promoção de sistemas de saneamento adequados à realidade indígena e rural. Enfim, elementos básicos para se vislumbrar um atendimento à saúde diferenciado. A FUNASA, com seu corpo de funcionários afogado na burocracia e equipes de saúde terceirizadas, muitas vezes se resumiu a repassar verbas, nem sempre utilizadas de forma correta, e a disponibilizar veículos e motoristas para levar os indígenas para serem atendidos na cidade pelo SUS, e isso sempre de forma muito inconstante. Só nos últimos cinco anos, em que a saúde indígena esteve sob responsabilidade da FUNASA, foram desviados mais de meio bilhão de reais.

Passamos o ano de 2010 com a perspectiva de que a ação de saúde indígena iria ser transferida da FUNASA para a nova SESAI. Em 2011 esta transferência foi mais de uma vez protelada, e muitas vezes não se sabia a quem recorrer, se à FUNASA, que alegava estar encerrando suas ações de saúde indígena, ou à SESAI, que alegava estar ainda em processo de estruturação e por este motivo ainda não havia assumido a ação.

Recapitulando, com maiores detalhes: durante o ano de 2011, houve inúmeros casos de falta de medicamentos, dificuldade das equipes de saúde em se deslocar para as aldeias, inaccessibilidade dos indígenas ao serviço de transporte dos enfermos, principalmente em casos de urgência, omissão no controle da qualidade da água nos sistemas de abastecimento, falta de água causada por omissão na manutenção e reposição de materiais, morosidade ou mesmo inoperância na instalação e manutenção de sistemas de saneamento.

Um caso emblemático é o da aldeia Tangará, em Itanhaém/SP, onde entre 2010 e

2011 vieram a óbito quatro crianças. Em uma delas foi feita biópsia e foi constatado forte indício de que a anemia profunda de que sofria foi causada por contaminação da água. Uma servidora pública que vinha acompanhando com preocupação a situação desta comunidade e que pretendia investigar a qualidade da água, foi vetada por funcionários da FUNASA de prosseguir com suas visitas à aldeia.

Entretanto, há algumas dúvidas: foi a crise permanente da FUNASA na ação de saúde indígena que motivou a criação da SESAI? Será que devemos ser otimistas em relação às decisões dos mesmos governantes que tantas provas nos deram do “amor” que têm pelo povo? Em 2012, a responsabilidade da ação de saúde indígena está toda na SESAI, porém, simplesmente iniciaremos o ano sem qualquer ação na área da saúde. As equipes não têm condições de serem transportadas, pois os carros estão parados. Os agentes de saúde indígena de São Paulo estão sem receber seus salários, situação que possivelmente deve estar ocorrendo também em outros Estados. Obviamente, os problemas de 2011 irão continuar.

Apesar de haver se passado um ano da criação da SESAI, será que não houve tempo hábil para a transição? Será a falta de contratos, licitações para combustível, manutenção de veículos? Não existe uma série de argumentos jurídicos e administrativos que tratam da emergência no atendimento à saúde com os quais se dispensam de licitação até mesmo ambulâncias e equipamentos caríssimos, frequentemente utilizados para o desvio de verbas? Por outro lado, vemos argumentos referentes às mudanças na gestão da saúde indígena, no sentido da otimização dos recursos públicos. Pergunto: será ótimo para quem? Otimizar para reduzir as verbas realmente aplicadas na ponta e continuar a alimentar a máquina burocrática e o desvio? Otimizar o clientelismo político?

Toda minha ingenuidade ainda me permite acreditar que haveremos de ver uma verdadeira reestruturação do atendimento público à saúde indígena, onde os altos recursos que hoje são sugados pela máquina e pela corrupção sejam investidos realmente em saúde, e na qual haja o apoio à medicina tradicional, à fitoterapia e às formas indígenas próprias de curar enfermidades de ordem mental, espiritual, que venham a contribuir até mesmo no tratamento de casos como a dependência química dentre outros problemas advindos do contato com a sociedade não indígena. Para que isto aconteça estou certo da necessidade primordial da organização das comunidades indígenas neste sentido e dos trabalhadores que com elas atuam, pois isto não será realizado por nenhum governante. Pretendo com estas palavras não apenas a denúncia, que por si não tem a capacidade de transformar a realidade, mas conchamar a sociedade, indígena ou não, que conscientes do direito fundamental à saúde, viremos o jogo a nosso favor por meio da organização, da prática e da luta.

Jaguarharô

Biblioteca Social Fábio Luz — Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790, 2º andar, Vila Isabel. Sábados de 10h às 17h. fabioluz@riseup.net

Libera, 2.000 exemplares. Subscrições para esta edição :

Alga, Bambu, Berneri Carnu, Caralâmpio, Cauã, Cav-Negro, D da Paz, Durden Poulain, Fontes, Katonigra, Peroba Ungida, Poressashandas, Rudesindo.

Superavit da edição #151 R\$ 86,65

Apoie o Libera você também: farj@riseup.net

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

FAO Fórum do Anarquismo Organizado



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE resistencialibertaria@riseup.net | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.vermelhoenegro.org/fag | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> | CAZP/AL www.cazp-al.blogspot.com | GEIPA/SC www.geipajoinville.blogspot.com | CALC/PR <http://coletivoanarquistalutadeclasses.wordpress.com> | ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net | ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar | FACA <http://lafaca.org> | COLÔMBIA: RLPMK www.redlibertariapmk.org | BOLÍVIA: OARS www.oars.tk | CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com | CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> | COSTA RICA: Prô-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org | MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | PERU: USL www.uslperu.blogspot.com | URUGUAI: FAU www.nodo50.org/fau | CSL <http://periodicoroyne.blogspot.com> | EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | ITÁLIA: FdCA www.fdca.it | IRLANDA: WSM www.wsm.ie | ESPANHA: CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | www.anarkismo.net

Notícias Libertárias

10 anos da BSFL: Comemoramos no dia 19 de novembro a primeira década da *Biblioteca Social Fábio Luz*, fundada no dia 18/11/01. Com a presença de cerca de 40 pessoas reunidas na quadra do CCS, foi lançado o livreto “A Luta Social em Vila Isabel”, de Milton Lopes, que nos brindou com uma breve narrativa sobre a história social do bairro. Também foi lançado o CD comemorativo dos 20 anos do *Libera*. A *Biblioteca Social Fábio Luz* abre todos os sábados, de 9:00 às 17:00h, e possui vasto acervo de livros e periódicos anarquistas; publicações de temáticas variadas como literatura (nacional e estrangeira), história, filosofia, etc.; DVDs e zines.

O Mutirão 20 anos: No dia 05/11/11 o Prof. Maurício Saraiva proferiu palestra sobre os 20 anos do jornal *O Mutirão*, órgão informativo do grupo homônimo do qual participou nos anos 1990. A atividade, direcionada aos estudantes do curso de Licenciatura em Educação no Campo da UFRuralRJ, foi mediada pelo jornalista João Henrique, membro do *Núcleo de Pesquisa Marques da Costa*. Maurício apresentou aos presentes a conjuntura política no meio rural fluminense nas décadas de 1980 e 90, assim como a participação anarquista nas lutas populares durante o período. Discorreu sobre o surgimento desse jornal e sua importância como ferramenta de propaganda das lutas populares, apesar de seu curto período de existência (cinco números entre 1991 e 1992). Falou também sobre a rede de organização que possibilitou distribuir o periódico internacionalmente. A atividade buscou, além do resgate da história do movimento anarquista e das lutas populares no campo fluminense, estimular a produção de um jornal dos estudantes do curso, oriundos dos movimentos sociais da cidade e do campo.

Rádio da Juventude: Recomendamos aos nossos leitores conhecerem a programação da Rádio da Juventude (FM 89,5 Mhz, São Vicente/SP), com programação às sextas à noite e aos sábados. O programa *Acorda prá Viola*, de música caipira, é mantido pelo nosso companheiro Jaguarharô. Há também programas de debates, rap, forró, rock, etc. A programação é transmitida pela internet em <http://radiodajuventude.wordpress.com/>.

Faleceu Luiz Poeta: Faleceu, aos 56 anos, no dia 27/11/11 o amigo Luiz Carlos Matos Marins, o Luiz Poeta, incansável militante agroecológico integrante do grupo Verdejar, organização atuante na defesa da ecologia urbana no Engenho da Rainha, Zona Norte do Rio de Janeiro, onde trabalhava a

preservação do meio ambiente e a mobilização comunitária através da agroecologia. Luiz Poeta vinha há dez anos enfrentando bravamente um câncer. Nosso companheiro sempre participava na organização dos encontros e atividades da *Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro*, estimulando a organização dos agricultores familiares. Sentiremos falta de sua cativante presença e de seus poemas declamados com paixão. Que a terra lhe seja leve, companheiro, e que os frutos do seu trabalho e de sua luta possam em breve ser colhidos pela sociedade livre que tanto almejava. Reportagem com Luiz Poeta (<http://favela.info/?p=2237>) e vídeo sobre o trabalho do Verdejar (<http://www.youtube.com/watch?v=AfFEK1HhPlw>).

Verdejar (Luiz Poeta)

Morar em Piabas, quando será!

A Serra é quem clama, misericórdia!

Por entre balas e fumaças zona norte Rio

A Serra se lança no maior desafio

Verdeja Já!

Já te amo Serra da Misericórdia!

Te amo!!

O seu verde precisa verdejar

Esta redondeza sem paz, pávida e poluída

Te amo Serra da Misericórdia!

Te amo!!

Penha, Inhaúma, Complexo do Alemão

Olaria, Ramos, Bonsucesso, Engenho da Rainha

Tomás Coelho, Vicente de Carvalho, Vila Kosmos,

Vila da Penha e Penha Circular.

Circundam a Serra da Misericórdia

Te amo Serra da Misericórdia

Te amo!!

O seu verde precisa verdejar esta redondeza

De paz, pávida e poluída

Te amo Serra da Misericórdia

Te amo!!

Viva Zumbi! Dia 20 de novembro realizou-se, no Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro, a atividade “Zumbi: tarde cultural” pelo dia da Consciência Negra. A fim de fortalecer esta data, e a luta dos movimentos populares, o encontro foi organizado pelo *Movimento das Comunidades Populares* juntamente com o *Movimento dos Trabalhadores Desempregados Pela Base*, além do apoio dos companheiros do *Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II*. Teve a participação de diversos grupos musicais e a presença da loja de alimentos naturais *Caminhos da Roça*, localizada na Maré.

Viva Nestor! Nestor, filho de Mara e do companheiro Rafael Diplanta, veio ao mundo no dia 28 de dezembro, forte, saudável e homenageando o grande revolucionário ucraniano Nestor Makhno. A FARJ deseja aos pais e ao pequeno Nestor muita saúde e felicidade, sempre!